

Agora, a vez da construção dos preços biônicos

Ao lado da **maxi** - que antecipou as correções cambiais que o Fundo Monetário Internacional exigira em prestações mensais - e que "custará" US\$ 36,0 bilhões aos perdedores finais, se estes agüentarem o país **ainda vai jogar nos custos todos os reflexos da retirada dos impropriadamente denominados "subsídios"** - trigo, açúcar, petróleo, agricultura; **o que pode ser estimado em outros US\$ 4,0 bilhões** (ou aproximadamente 1,5% do PIB). São novos custos que se transferem para os preços, acelerando ainda mais a inflação.

Mas além da retirada de subsídios, o FMI ainda exige um aumento nos custos de Combustíveis e Lubrificantes que supere em 20,0% às taxas de inflação de 1983 - isso a despeito de que o aumento de final de dezembro ajustou os níveis reais de 1982, e a elevação mais recente pensou os maiores custos da Petrobrás após a maxidesvalorização cambial. **Com essa imposição do FMI a Petrobrás terá de tirar dos consumidores - para si ou mais propriamente para o Governo, na forma de impostos - mais de US\$ 4,5 bilhões (1,5% do PIB).** Novos componentes de custos introduzidos na economia, e que, como os demais anteriormente descritos (ligados à maxi e à retirada dos subsídios), requererão perdas de rendas reais em níveis correspondentes dos grupos mais fracos dentro da sociedade.

Ora, como se vê o **"modelo" do FMI**, antecipado em seus efeitos perversos pela desvalorização cambial de fevereiro último, **joga no decorrer de 1983 um aumento de custos da ordem de 9,0% do PIB** (US\$ 27,0 bilhões), além de outros 6,0% de aumento da dívida externa das empresas a ser resgatada em anos futuros. **São nada menos de US\$ 45,0 bilhões (15,0% do PIB!) que ninguém quer**

perder, dentre os "agentes ativos" do sistema produtivo, passando-se para os preços, e assim penalizando os assalariados (e outros detentores de rendas contratuais), no fim da linha, via uma taxa de inflação estratosférica. **Mas como reverter isso?**

A essa pergunta a resposta é uma só: **passar o filme ao contrário** - ou seja, adotar a "Teoria da Marcha-à-ré", assim "engolindo" a maxidesvalorização cambial, como se fez em 1980, quando, apesar de anulada nos primeiros meses do ano a maxi de dezembro de 1979, as exportações cresceram mais de 30,0%. E afinal os problemas de mercado para produtos brasileiros menos dependem de preços que da recuperação de grandes parceiros semifalidos (como o Brasil), tais como Argentina, Chile, México, Nigéria, Polónia, etc. E se a desvalorização cambial precipitada, de fevereiro último, fizer falta, o Governo deveria dar os US\$ 3,0 bilhões de novos subsídios - qualquer que seja a forma ou o título - aos exportadores, solução que seria infinitamente mais barata, diante da opção antes escolhida que está destabilizando o país.

O que é surpreendente é que, depois de submeter-se às imposições de um órgão cuja competência técnica vem sendo colocada em xeque na medida em que sua orientação passou a ter cunho ideológico, o Governo, brasileiro se lance à busca de todos expatriados, ou de biombos - ora são os trabalhadores, ou assalariados em geral, os responsáveis pelos desacertos; ora as estatais, que vêm tendo preços contidos, endividamento externo compulsório para fornecer dólares ao Banco Central, e uma campanha suspeita de desmoralização.

E importante que se diga a verdade à nação. Como por exemplo que o

poder de compra dos assalariados vem caindo ano a ano. Que os salários reais das empresas estatais também vêm sendo reduzido - tudo dentro de uma política salarial de arrocho. **Que as empresas estatais - sociedades de economia mista e empresas públicas - de todos os níveis de Governo, tem um faturamento que, exclusive a Petrobrás, representa tão-somente 8,0% (oito por cento) do faturamento das 400 mil empresas cadastradas no imposto de renda!** E que a Petrobrás sozinha representa outros 7,0% do faturamento total das empresas - , mas na maior parte apenas repassa produtos acabados para distribuição por empresas privadas.

Parece ter chegado o momento da informação. Abandonando-se à tática da desinformação, **mesmo porque a verdade, como uma pequena gravidez, não pode ser sempre acobertada.** E nem confundida, como se faz quando se lança as últimas novidades, tais como "desindexação", "expurgo", etc., procurando assim justificar a construção, em laboratório, de índices de preços "biônicos", surpreendentemente tão eficientes que já seriam capazes, segundo alguns dos construtores, inclusive de expurgar "greves". O que, por consolo, deve render muitos dólares, pois nesse campo parece que o Brasil assume uma dianteira tecnológica de fazer inveja aos americanos, japoneses, alemães, franceses, ingleses, e todos os demais povos, abrindo-se conseqüentemente um mercado de proporções infinitas para a venda de tecnologia. Esse, porém, já é assunto para um outro capítulo.

Dércio Garcia Munhoz é professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília